

**“A casa da minha avó”. Uma exposição
colaborativa sobre a história das
baleias em Atouguia da Baleia**

**Nina Vieira, Raquel Janeirinho,
Rui Venâncio e Cristina Brito**

Práticas da História, n.º 19 (2024): 185-216

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

**Nina Vieira, Raquel Janeirinho,
Rui Venâncio e Cristina Brito**

**“A casa da minha avó”. Uma exposição colaborativa
sobre a história das baleias em Atouguia da Baleia**

Em Atouguia da Baleia, antigo porto medieval hoje a 5 km do mar, encontram-se com intrigante regularidade ossos de cetáceos nas casas das avós. Na exposição “A Baleia em Atouguia” resgataram-se histórias da população de Peniche, e muito concretamente da vila da Atouguia, com a baleia e a baleação. A exposição foi inaugurada em março de 2023 no CIAB – Centro Interpretativo de Atouguia da Baleia (integrado na Rede Museológica do Município de Peniche), numa curadoria partilhada entre o Município e o CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH), com apoio científico do projeto ERC 4-OCEANS. Nesta iniciativa foram aplicadas estratégias museológicas participativas e técnicas colaborativas de cariz interdisciplinar. Este processo chamou a comunidade a atuar como produtora de conhecimento e como inventariante e contribui, assim, para uma gestão mais eficaz do património local, fomentando a recuperação da memória coletiva e a salvaguarda do património cultural e natural.

Palavras-chave: processo participativo; património cultural e natural; baleação; história ambiental marinha.

**“My Grandmother’s House”. A Collaborative Exhibition
on the History of Whales in Atouguia da Baleia**

In Atouguia da Baleia, a former medieval port now 5 km from the sea, cetacean bones can be found with intriguing regularity in grandmothers’ houses. The exhibition “A Baleia em Atouguia” rescued stories of the people of Peniche, and specifically the town of Atouguia, to the whale and whaling. The exhibition was inaugurated in March 2023 at CIAB - Interpretive Center of Atouguia da Baleia (part of the Museum Network of the Municipality of Peniche), curated by the Municipality and CHAM – Centre for the Humanities (NOVA FCSH), with scientific support from the ERC 4-OCEANS. Participatory museum strategies and collaborative and interdisciplinary techniques were applied in a process that called on the community to act as a producer of knowledge and as an inventory-taker, contributing to more effective management of local heritage, fostering the recovery of collective memory and the safeguarding of cultural and natural heritage.

Keywords: participatory process; cultural and natural heritage; whaling; marine environmental history.

“A casa da minha avó”. Uma exposição colaborativa sobre a história das baleias em Atouguia da Baleia

Nina Vieira, Raquel Janeirinho,
Rui Venâncio e Cristina Brito*

A baleia na toponímia e na história da vila de Atouguia

Não se sabe ao certo quando é que a expressão “da Baleia” terá sido introduzida no topónimo de Atouguia. Em *Portugal: Dicionário histórico...*, obra de 1904, pode ler-se que “ficou-se chamando Athouguia da Baleia desde 1526, pelo facto de ter dado á costa no dia 11 de fevereiro d’esse anno, uma baleia de 20 metros de comprimento”¹. De facto, este arrojamento de uma grande baleia na praia da Areia Branca (atual concelho da Lourinhã, a sul de Peniche) tem perpetuado a associação entre o animal e o nome da vila, tanto na historiografia² como na tradição oral da região. A descrição do evento conta:

Chama-se commummente Atouguia da Balea por differença de outra terra do mesmo nome em o termo de Alen-

* Nina Vieira (nina.vieira@fcs.unl.pt).  <https://orcid.org/0000-0002-6280-9951>. CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Av. Berna 26 C, 1069-061, Lisboa, Portugal; Raquel Janeirinho (museu@cm-peniche.pt).  <https://orcid.org/0000-0002-8589-9320>. CMP – Câmara Municipal de Peniche, Largo do Município, 2520-239, Peniche; Rui Venâncio (rui.venancio@cm-peniche.pt)  <https://orcid.org/0009-0003-7299-2512>. CMP – Câmara Municipal de Peniche; Cristina Brito (cbrito@fcs.unl.pt).  <https://orcid.org/0000-0001-7895-0784>. CHAM – Centro de Humanidades. Artigo original: 30-04-2024; artigo revisto: 7-08-2024; aceite para publicação: 18-11-2024.

1 Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal: dicionário histórico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*. Vol I-A (Lisboa: João Romano Torres, 1904), 855.

2 Por exemplo, em Mário Baptista Pereira, *Atouguia da Baleia, seus forais, seus termos. Lembrando o passado* (Atouguia da Baleia: Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia, 2006), 129.

quer, ou pelo muyto deste pescado monstruoso que vive naqueles mares. Hũa deu à costa no anno de 1526. no lugar, & sitio aonde chamão a Area brãca, a qual tinha de comprimento trinta covados, (assi o achamos escrito) [Memorial da Prov. dos Algarves l.2.c.9.] & a corpulência fazia vulto de hum navio de oytenta toneladas. A espadana da cauda tinha vinte palmos de largura, & na bocca lhe cabião dous homens de pé, & muy o à sua vôtade³.

A baleia está associada aos mitos fundadores da vila, novamente através da lenda relacionada com uma baleia de grandes dimensões cujas costelas teriam sido utilizadas para a construção do telhado da Igreja Matriz de S. Leonardo de Atouguia da Baleia⁴, o que justificaria também a integração do complemento “da Baleia” na toponímia local⁵. Intervenções profundas de requalificação desta igreja medieval, na segunda metade do século XX (c. 1978-1982), não revelaram quaisquer evidências de ossos de baleia na sua estrutura⁶. Existe, efetivamente, um osso com cerca de 4,70 metros de comprimento – tradicionalmente referido como costela, mas que se trata de uma mandíbula – que se encontra na Igreja de S. Leonardo, encostado ao alto à parede de entrada, proveniente de Peniche. Hoje em exposição no interior, até há quatro décadas encontrava-se no exterior da igreja, junto à sacristia, sendo inclusivamente utilizado como balancé pelas crianças que frequentavam a catequese, conforme nos contam habitantes da vila.

Independentemente da fidelidade destas histórias, elas são de particular pertinência porque, passadas de geração em geração, demonstram a importância simbólica e cultural da baleia como elemento funda-

3 Fernando Soledade, *Historia serafica cronológica da ordem de S. Francisco da Província de Portugal*. Tomo III (Lisboa: Na Officina de Manoel Joseph Lopes Ferreyra, 1705), 78.

4 A Igreja Matriz de S. Leonardo é um imóvel classificado como monumento nacional. De transição românico-gótica, a sua edificação parece datar do início do século XIV.

5 Por vezes, estes relatos do arrojamento e da utilização de ossos na edificação da igreja surgem de forma independente, ainda que sejam integrados complementarmente na perpetuação da história oral sobre o topónimo da vila.

6 Estruturalmente, também seria improvável que a costela da baleia tivesse a capacidade de suportar o telhado do imóvel.

dor desta comunidade, presente na memória coletiva e na história oral e, certamente, com fundamento num longo passado que se estende ao presente. E, na verdade, a referência mais antiga que encontramos ao topónimo composto da povoação – Atouguia da Baleia – data de 1452, em dois documentos da Chancelaria de D. Afonso V⁷, atestando que esta toponímia antecede, em quase um século, o evento da baleia arrojada.

Atualmente sem ligação ao mar, Atouguia foi um importante porto marítimo desde a sua fundação em 1148, e a caça da baleia foi uma atividade muito relevante na região⁸. Atouguia foi o primeiro foco de povoamento permanente e sede do concelho durante toda a Idade Média. A então herdade de Atouguia foi, em meados do século XII, doada por D. Afonso Henriques a Guilherme Cornibus (ou de Corni), como recompensa pelo auxílio prestado por este cruzado anglo-normando na tomada de Lisboa aos muçulmanos. Nos documentos foraleiros emitidos por este donatário é referida a presença, à época, neste território de duas comunidades culturalmente distintas: os “francos” – por certo da mesma origem geográfica de Guilherme Cornibus – e os “galegos” – provenientes dos territórios sobrepovoados localizados a norte do rio Douro, como o Minho e a Galiza⁹, e porventura de outras regiões do norte da Península Ibérica. Pode-se, pois, reconhecer nesta colonização a eventual génese da prática e exploração baleeira nestas águas, documentada a partir do século XII, para efeitos de tributação fiscal. Num dos mais emblemáticos documentos, “Costume e Foros de Torres Novas”, datado de 1190, encontra-se a primeira referência relativa à venda de “balea negra” na Estremadura¹⁰. Esta fonte é particularmente relevante, não apenas por ser uma evidência escrita

7 Carta de privilégio de D. Afonso V a João Martins, carpinteiro, morador em Atouguia da Baleia, recebendo-o por besteiro do cavalo, em substituição de Martinho Esteves, que morrera. Chancelaria de D. Afonso V, lv. 4, f. 12; Carta de perdão de D. Afonso V, a justiça régia, a Fernando Afonso do Vale, escudeiro, morador em Atouguia da Baleia, pela fuga da prisão, contando que se livre de direito do que é acusado, tendo pago 100 reais brancos para a chancelaria. Chancelaria de D. Afonso V, lv. 12, fl. 29.

8 Mariano Calado, *Peniche na história e na lenda*, 4.^a edição (Edição de autor, 1991); António Teixeira, Rui Venâncio e Cristina Brito, “Archaeological Remains Accounting for the Presence and Exploitation of the North Atlantic Right Whale *Eubalaena glacialis* on the Portuguese Coast (Peniche, West Iberia), 16th to 17th Century”, *PLoS ONE* 9, n.º 2 (fevereiro 2014).

9 Manuela Santos Silva, “Galegos e minhotos à conquista do litoral do centro de Portugal. Vestígios da sua presença na região medieval de Óbidos”, em *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*. Vol. II (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999).

10 “Costume e Foros de Torres Novas”, Feitos da Coroa, Núcleo Antigo, 373, 1190.

do consumo de produtos da baleia desde as primeiras décadas da fundação de Portugal enquanto nação, mas também pela designação do animal, aludindo à espécie Baleia-Franca-do-Atlântico-Norte (*Eubalaena glacialis*) referida também por baleia-negra por baleeiros bascos e dinamarqueses¹¹.

Ainda que algumas fontes sejam omissas no tocante ao contexto e à proveniência dos produtos da baleia (resultante de arrojamentos ou de caça organizada) e ao local de captura e expedição, será de considerar que a costa de Atouguia e da vizinha vila da Lourinhã pudessem ter sido, já no primeiro quartel do século XIII, palco da atividade da caça à baleia. Esse parece ser o sentido da passagem do Foral da Vila da Ericeira, localizada 46 km a sul, e que em 1229 aponta para a proibição da realização no seu território de práticas da baleação por parte de outras comunidades concelhias¹². Com a criação do condado, a importância económica desta atividade terá contribuído para a fixação de população em Atouguia. Nessa época, o estuário do rio de S. Domingos era navegável, pelo que o mar chegava a Atouguia, sendo um porto de referência na navegação de cabotagem na fachada ocidental da Península Ibérica. Atouguia foi um próspero porto marítimo, beneficiando da sua localização estratégica enquanto entreposto comercial e da exploração de recursos marinhos, com destaque para a pesca e a salicultura¹³. Por seu lado, Peniche era uma ilha, localizada a cerca de 1200 metros da linha de costa, ocupada por alguns pescadores e que irá ganhar maior importância *a posteriori* com o assoreamento progressivo do estuário¹⁴.

11 Cristina Brito e Vera Jordão, “A baleación medieval e no início da era moderna en Portugal: que nos din as fontes históricas?”, *Eubalaena* 14 (agosto 2014): 32; David W. Laist, *North Atlantic Right Whales: From Hunted Leviathan to Conservation Icon* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017), 16.

12 Margarida Garcez Ventura, coord., *O foral da Ericeira no arquivo-museu* (Lisboa: Edições Colibri), 104.

13 Cristina Brito, Catarina Garcia, Nina Vieira, Tânia Ferreira e Celso A. Pinto, “Coastal Geomorphological and Environmental Changes as Drivers of Historical Shifts in Marine Activities”, em *Alterações ambientais em perspetiva histórica*, ed. Ana Cristina Roque, Cristina Joanaz de Melo, Inês Amorim, Joana Gaspar Freitas e Maria Manuel Torrão (Porto: CITCEM, 2019).

14 O crescimento populacional combinado com o intenso desenvolvimento da agricultura e o abate de árvores para a construção naval teve impacto nos recursos naturais e aumentou a carga de sedimentos nas bacias de drenagem. O estuário do rio de S. Domingos assoreou rapidamente, perdendo-se o acesso direto ao mar. Em 1428, D. Duarte ordena uma intervenção de remoção das areias, na senda do que tinham feito monarcas anteriores, para facilitar a navegação até ao porto de Atouguia. Em 1609, Peniche é elevada a vila e sede de concelho, autonomizando-se de Atouguia e, em 1836, dá-se a extinção do concelho de Atouguia da Baleia. Com o progressivo assoreamento do porto estuarino, as atividades marítimas foram transferidas para a vizinha vila de Peniche, cujo istmo se consolidava, e Atouguia da Baleia reconverteu

A caça da baleia foi uma extraordinária fonte de riqueza para a região, relevante a ponto de se ordenar que esta fizesse parte dos pagamentos devidos à Coroa e à Igreja. Nas Cortes de Leiria, em 1252, tinha D. Afonso III mandado aplicar ao pagamento de uma dívida ao Mosteiro de Alcobaça as “rendas que se tiravam do azeite das balleas como de outras cousas (tam de ballasione, quam de alliis causis) do porto de Selir e da Atouguia”¹⁵. Segundo os Costumes de Atouguia (documento apenso aos forais de Atouguia, porventura atribuível ao século XIII), cabia ao senhor de Atouguia cobrar impostos sobre a venda, a não residentes, de produtos resultantes da caça à baleia, recebendo três maravedis (moeda em ouro) e vinte dinheiros (moeda em liga de prata e cobre) por cada “carga cavalari de baleia grossa” e um maravedi por cada “carga cavalari de baleia magra”¹⁶. A tributação desta transação sob a forma de moeda de ouro permite entender o elevado valor monetário que estes produtos possuíam e, conseqüentemente, o considerável proveito económico que resultava da baleação.

A população de Atouguia deveria contar, nos séculos XIII a XVI, com uma importante comunidade de pescadores – que, para as suas atividades, possuíam casas de morada no Baleal – e com um razoável número de embarcações. Tal como Atouguia da Baleia, também o Baleal (ilha-península na costa norte de Peniche) deve o seu nome a esta atividade, tendo sido, provavelmente, local de morada dos baleeiros e zona de desmanche dos animais¹⁷. Graças à baleação, os moradores e pescadores locais conseguiram beneficiar de algumas regalias régias, como sucedeu em 1280 quando o rei D. Dinis reduziu, de três meses para seis semanas, o tempo de serviço anual que as galés de Atouguia deviam prestar no contexto da armada real.

Da caça da baleia resultavam diversos produtos. Os principais –

gradualmente a sua vocação marítima numa feição eminentemente rural.

15 Américo Cortez Pinto, *Diónisos – Poeta e rey* (Lisboa: Secretaria de Estado do Ensino Superior, Ministério da Educação, 1982).

16 Pereira, *Atouguia da Baleia*, 37; Teixeira, Venâncio e Brito, “Archaeological Remains”, 9.

17 Carta Real de 14 de janeiro de 1445. *Monumenta Henricina*, volume VIII (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1967), 250-251; Mariano Calado, *Da ilha de Peniche* (Peniche: Edição de autor, 1994).

e com maior valor comercial – eram a carne, usada para alimentação (fresca ou salgada), inclusivamente da Coroa; a gordura, para produção de óleo que servia para iluminação; e as barbas (estruturas filamentosas de queratina que existem no aparato bucal dos cetáceos misticetos¹⁸ e que servem para a filtração do plâncton da água) aplicadas na confecção de vestuário e de outras peças. Já no século XIV, Atouguia continuava a ser um importante ponto abastecedor de matéria-prima da baleia para outras regiões do país, como atesta, por exemplo, o “Livro da Portagem de Lisboa”, anterior a 1377, que regula o pagamento da dízima das baleias provenientes da Atouguia e do Algarve e taxa várias mercadorias, incluindo carne e barbas de baleia¹⁹. Os ossos não parecem ter tido valor comercial neste período, sendo aproveitados pelas comunidades locais como objetos de uso quotidiano como bancos, tábuas de corte ou estruturas de suporte. Ao contrário do óleo e da carne que se consomem e por isso não deixam rasto material, e das barbas ainda espartilhadas em coleções museológicas, vários ossos chegaram por via da sua resistência e durabilidade até aos nossos dias. Ossos que revelam velhas e novas histórias da baleia em Atouguia, espelhando as vivências dos habitantes desta vila e que, como explicaremos de seguida, ganham novos significados quando encontrados e resgatados da “casa da avó”.

Vestígios de baleias e a coleção osteológica de Peniche

Na vila de Atouguia da Baleia encontram-se, com intrigante regularidade, ossos de baleia, provenientes de intervenções arqueológicas ou de obras em arruamentos ou em habitações antigas, revelando a sua utilização como material associado a estruturas edificadas ou, eventualmente, com um significado simbólico. Em 2001 e 2002, na sequência das obras públicas de ampliação das instalações portuárias de Peniche, foram encontrados vestígios de uma antiga estrutura viária num *habitat*

18 Os cetáceos dividem-se, taxonomicamente, em duas superfamílias: os misticetos (Mysticeti), que não possuem dentes, mas sim barbas, como é o caso da baleia-franca, da baleia-azul e de outras grandes baleias; e os odontocetos (Odontoceti), que possuem dentes, como o cachalote e os golfinhos.

19 “Livro da Portagem de Lisboa”, Feitos da Coroa, Núcleo Antigo, 356, 1377-1489.

costeiro de dunas consolidadas, fragmentos de cerâmica doméstica e de ossos de grandes vertebrados terrestres e de cetáceos (destes últimos, 80 fragmentos). Datados entre o período tardio medieval e o período moderno (1500-1800), alguns vestígios de baleias foram associados a um contexto de naufrágio de navios que utilizavam o porto marítimo de Peniche ou que tentavam uma passagem segura para o antigo porto de Atougua, a montante. Outros fragmentos, datados dos séculos XV a XVII, podem relacionar-se com o descarte das práticas baleeiras tendo sido deixados na praia e, mais tarde, reutilizados para consolidar as fundações da antiga estrada quando esta foi construída no sistema dunar²⁰. Alguns vestígios foram deixados *in loco*, sendo que a maior parte, após ter sido analisada e fotografada no local, foi recolhida e integra hoje a coleção osteológica do Município de Peniche, constituindo um acervo patrimonial e científico único a nível nacional e internacional.

Paralelamente, a história oral da região apontava para a presença de ossos de baleias em paredes e muros de habitações na vila de Atougua da Baleia. Até 2022, eram residuais os vestígios osteológicos conhecidos que tivessem sido recolhidos ou encontrados em imóveis da vila, não havendo um tratamento científico sistematizado destes achados. Visando a preparação daquela que viria a ser a exposição “A Baleia em Atougua”, e o estudo preliminar colaborativo entre investigadores e técnicos da CMP e do CHAM, teve início uma nova fase de conhecimento, mais aprofundada. Não existindo registo detalhado e sistemático da presença de ossos em paredes e muros, no decorrer da preparação da exposição foi lançado o desafio à população de partilhar ossos – e histórias associadas – que tivessem sido descobertos nas suas habitações ou terrenos. Simultaneamente, foram realizadas tertúlias de sensibilização e caminhadas de reconhecimento e mapeamento destes vestígios patrimoniais. De uma primeira caminhada resultou a identificação de um osso, até aí desconhecido, num muro na rua António Sousa Vala (Sinaleiro) (Figura 1). Noutros casos, com base em con-

20 Rui Venâncio, “Intervenção arqueológica no porto de pesca de Peniche”, em *1^{as} Jornadas de Arqueologia e Património da Região de Peniche* (Peniche: Câmara Municipal de Peniche, 2006); Teixeira *et al.*, “Archaeological Remains”, 2.

tactos anteriormente estabelecidos ou em novos diálogos, foi feita uma aproximação direta aos moradores, de que é exemplo Eusébio Paulino, que permitiu a visita à sua casa e partilhou a história da descoberta de ossos nas paredes aquando de obras de requalificação (Figura 2). Vários outros testemunhos se seguiram, bem como novas caminhadas de reconhecimento que têm permitido mapear a localização destes vestígios. Estes ossos ou fragmentos de ossos têm sido fotografados e inventariados, procedendo-se à sua análise morfométrica, à medição e ao registo. Sempre que possível, são recolhidas amostras de osso (fragmentos ou pó) para posterior análise laboratorial.



Baleia. Crédito e autorização: Câmara Municipal de Peniche, 2022.



Figura 2. Eusébio Paulino segurando os ossos de baleia encontrados nas paredes da sua casa, aquando de obras de requalificação, em Atouguia da Baleia.
Crédito e autorização: 4-OCEANS, 2022.

Os ossos de baleia têm sido usados de forma transversal e contínua ao longo do tempo neste território, provenientes de animais capturados no passado ou de arrojamentos recentes. Exemplos disso são os ossos pertencentes à família Ló, provenientes do Baleal, os quais eram utilizados como assentos ou, ainda, os ossos de uma baleia arrojada na Praia da Cova da Alfarroba, cerca de 1947, utilizados como bancos pelos moradores do Bairro do Fialho, em Peniche. Também em Peniche, o Bar do Quebrado expõe junto à esplanada parte de um crânio de baleia (osso occipital) e, no interior, a decoração é composta por uma escápula exposta na parede e por candeeiros feitos de vértebras, resultados de um arrojamento mais recente. A estes elementos decorativos e à mandíbula da Igreja de S. Leonardo acrescem agora cerca de 30 novos ossos (ou partes de ossos) provenientes de paredes de habitações e muros de terrenos desabitados.

Utilizações práticas e decorativas de ossos de cetáceos, entre crânios, mandíbulas, espátulas, vértebras e costelas, têm sido identificadas em todo o mundo, desde tempos remotos ao presente²¹. Sociedades do

²¹ Veja-se a coleção *Whales' Bones of...*, de Nicholas Redman, em particular o volume *Whales' Bones of France, Southern Europe, the Middle East and North Africa* (Teddington: Redman Publishing, 2014), 63-66, com referência a Atouguia da Baleia a partir de informações fornecidas por Milene Alves, Jorge Martins, Carlos Mota e Cristina Brito.

Ártico, cuja subsistência dependeu da baleação, como por exemplo a cultura Thule, arquitetavam as suas casas de ossos de baleia de forma complexa, simbólica e sensorial, associada a fatores sociais, como a riqueza da família, e a rituais relacionados com a prática da caça²². Atualmente, por toda a Europa abundam esqueletos ou ossos em museus, castelos ou igrejas²³, mas, até agora, não encontramos paralelismo com a utilização dada aos ossos em Atouguia.

O levantamento que se tem feito em Atouguia da Baleia tem sido um processo de forte envolvimento entre as várias partes interessadas a nível local e de uma importância patrimonial, cultural e científica ímpar. É de notar que a preparação da exposição permitiu a alocação de tempo às missões de campo que se demonstraram frutíferas na revelação de evidências tangíveis da presença de ossos de baleia em paredes e muros, confirmando as informações transmitidas pela tradição oral do uso de ossos de baleia, principalmente de vértebras, para este fim. Este assunto carece de investigação futura aprofundada, inclusivamente com o suporte de outras disciplinas e competências relacionadas com a arquitetura e a construção, bem como da arqueologia e da antropologia. Assim será possível compreender os vários significados que estes elementos podem assumir ao serem integrados na estrutura de casas, quer como materiais de construção, a par da pedra calco-arenito designada localmente como broeiro, muito comum na região, quer em termos simbólicos em casas de baleeiros/pescadores, como amuletos ou outros fins e significados.

Para além dos ossos dos períodos medieval e moderno destaca-se ainda, no acervo do município, um vestígio paleontológico de uma espécie de cetáceo já extinta, *Tusciziphius atlanticus*, da família dos zifídeos ou baleias-de-bico, grupo ainda existente na atualidade. A peça é uma parte do crânio de um animal com cerca de 2,7 metros que habitava as

22 Peter C. Dawson e Richard M. Levy, “Using 3D Computer Models of Inuit Architecture as Visualization Tools in Archaeological Interpretation: Two Case Studies from the Canadian Arctic”, *Field Archaeology* (2006): 185-195; A. Katherine Patton e James M. Savelle, “The Symbolic Dimensions of Whale Bone Use in Thule Winter Dwellings”, *Études/Inuit/Studies* 30, n.º 2 (2006).

23 Redman, *Whales’ Bones*.

águas atlânticas há pelo menos 5 milhões de anos. O espécime foi recolhido ao largo das Berlengas, a grande profundidade, por pescadores com aparelho de palangre de fundo²⁴.

A exposição “A Baleia em Atouguia”

O Centro Interpretativo de Atouguia da Baleia

Integrado na Rede Museológica do Município de Peniche (CMP), o Centro Interpretativo de Atouguia da Baleia (CIAB) tem como objetivo o estudo, valorização e divulgação do património histórico e cultural do concelho, proporcionando uma visão integrada da região histórica de Atouguia da Baleia.

A sua gestão assume um carácter tripartido, associando três entidades – CMP, Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia e Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de São Leonardo de Atouguia da Baleia. Para este projeto concorreram também os contributos das populações da freguesia e do concelho.

O projeto implicou a reabilitação de um edifício histórico – a igreja de S. José, integrada no circuito de visita do CIAB – e a construção de edifício anexo, sede do núcleo museológico. Para além das obras, desenvolveram-se de forma sistemática, desde 2007, trabalhos visando o estudo, inventário, conservação e valorização do património integrado ou a integrar, em espaço museológico e *in situ*. Destaca-se, para o presente contexto, o projeto “Inventário Participativo do Património Cultural de Atouguia da Baleia” (doravante, IP) que, com o apoio das coletividades e populações das diversas localidades da freguesia, permitiu um maior conhecimento da matriz cultural e o levantamento do património atouguiense. O IP foi um projeto de museologia dialógica, promovido pela CMP sobretudo em 2010-2012, na fase de implementação do polo museológico e interpretativo, que teve como propósito

²⁴ Esta peça foi doada à CMP por Luís Alves. A avaliação científica preliminar foi realizada pelo paleontólogo Octávio Mateus.

aprofundar o conhecimento sobre o património cultural material e imaterial local, através do levantamento dos ativos patrimoniais das diferentes localidades dessa região, o fortalecimento das relações museu-população e o reconhecimento e (re)apropriação por parte da comunidade dos seus patrimónios, considerando a articulação entre património e desenvolvimento²⁵.

Tal como previsto desde a formulação do seu programa museológico e a sua abertura, o CIAB é um museu de proximidade e espaço cultural de referência na vila de Atougua da Baleia, acolhendo iniciativas e serviços de mediação para os quais as parcerias com a comunidade local (autarquias, escolas e associações) e a comunidade científica são vitais.

O processo participativo

Num processo de investigação-ação, aplicou-se um conjunto de estratégias museológicas, de métodos e técnicas colaborativas que se foram inspirar em várias áreas científicas, tendo uma forte componente interdisciplinar, desde a génese do CIAB. O uso da interdisciplinaridade como pressuposto apriorístico permitiu um aprofundamento do conhecimento do terreno em causa e um enriquecimento no estudo do contexto e objeto museal. Foram diversas as disciplinas científicas – da antropologia aos estudos de avaliação rural, da democracia participativa à sociomuseologia – com as suas teorias, metodologias e técnicas que, conjugadas e aplicadas crítica e criativamente, contribuíram para o resultado final do IP. Também a existência de uma equipa multidisciplinar municipal, com profissionais de diversas áreas (como antropologia, arqueologia, história ou conservação e restauro), com correspondentes contributos e aproximações, tem sido uma mais-valia para o projeto. Entre as diferentes estratégias museológicas utilizadas ao longo do processo de IP, destacam-se as tertúlias com a população, o mapeamento participativo,

25 Raquel Janeirinho, “Património, museologia e participação: estratégias museológicas participativas no concelho de Peniche” (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013); Raquel Janeirinho, “Estratégias museológicas participativas: refletindo e atuando em sociomuseologia”, *Cadernos de Sociomuseologia*, 46, n.º 2 (2014), 71-91.

as caminhadas de reconhecimento, as visitas técnicas, a recolha de objetos e fotografias para contexto expositivo e museológico, as entrevistas semidirigidas (individuais e em grupo), a recolha de histórias de vida e o inventário de manifestações de Património Cultural Imaterial²⁶.

Dessa forma, a aplicação flexível de métodos participativos torna-se crucial para uma melhor compreensão do contexto em geral, locais específicos ou temas particulares. Além disso, essa abordagem possibilita uma maior inclusão e promove uma conexão mais profunda entre as comunidades locais e os investigadores/mediadores. Este é um processo de construção de conhecimento e (re)descoberta conjunta, com benefícios para todas as partes. Assim, o envolvimento dos participantes é mais efetivo já que permite acertar conteúdos e informação, identificar erros e omissões e ainda desenvolver de forma cumulativa um conjunto de atividades relevantes para todos. Os métodos participativos permitem, igualmente, uma abordagem de aprendizagem flexível mas consistente, partilhada mas consubstanciada²⁷.

Neste processo de inventariação renovado, a comunidade é vista tanto como elemento produtor de conhecimento como inventariante, destacando-se a participação, aprendizagem mútua, coparticipação, como em termos de inventariação e de responsabilização na produção e disseminação dos conteúdos. Assim, o conceito de Inventário Participativo pode ser definido como uma variação mais democrática do inventário tradicional, o qual dá espaço à intervenção das pessoas e das comunidades na identificação e documentação dos (seus) recursos culturais. Mais: permite o reconhecimento de elementos patrimoniais como integrantes da identidade local, tanto coletiva como individual, criando, assim, um conjunto de práticas, memórias, valores e materialidades de património cultural²⁸.

26 Para maior detalhe das diferentes fases de implementação do projeto, consulte-se Janeirinho, "Estratégias museológicas".

27 Robert Chambers, "Rural Appraisal: Rapid, Relaxed and Participatory", *IDS Discussion Paper*, 311 (1992): 21.

28 Lorena Sancho Querol, "El patrimonio cultural inmaterial y la sociomuseología: estudio sobre inventarios", (tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011), 319-320.

Pretendeu-se, ao longo do IP, realizar o levantamento dos sítios de interesse patrimonial e de patrimónios tangíveis e intangíveis. Em paralelo, procurou-se divulgar a instituição museológica e estimular as populações das diversas localidades da freguesia a assumirem-se como coinventariantes e atores dessas referências patrimoniais, nas quais os objetos museais preservados *in situ*²⁹, as memórias e os saberes são entendidos como herança cultural. Esses elementos são também referidos como “indicadores de memória”, segundo Cristina Bruno³⁰, e como “acervo operacional”, por Maria Célia Santos³¹. Procedeu-se, assim, a um mapeamento cultural, como definido por Sónia Moreira Cabeça, enquanto processo de recolha, registo, análise e síntese das informações que caracterizam os recursos culturais de uma comunidade ou grupo, resultando numa imagem integrada da cultura e significado de um determinado lugar. Conforme a mesma autora, “mapear é, portanto, construir uma narrativa, discursiva e visual, sobre a identidade de um lugar, através dos olhos das comunidades e grupos”³².

Com o IP, foi confirmada a viabilidade de, através da aplicação dos princípios da sociomuseologia, efetuar o levantamento, identificação e divulgação, bem como promover o reconhecimento e valorização, por parte da comunidade, do seu património cultural, material e imaterial. A participação comunitária revelou-se crucial para o desenvolvimento bem-sucedido do projeto, considerando o princípio da participação como um direito, e resultou num museu mais democrático e inclusivo. O uso de estratégias metodológicas participativas nos campos da pesquisa e comunicação museais fomentou o desenvolvimento local e constituiu uma ferramenta fundamental na gestão patrimonial dos recursos culturais e naturais do território, salvaguardando ativamente os valores

29 Tal como os ossos de baleia encontrados nas caminhadas de reconhecimento realizadas em 2022 e mantidos nos muros das habitações, quando pertinente.

30 Cristina Bruno, “Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar”, *Cadernos de Sociomuseologia* 9 (1996).

31 Maria Célia Santos, *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu* (Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008).

32 Sónia Moreira Cabeça, “Mapeamento cultural: uma metodologia sustentada para o património cultural imaterial”, *Revista MEMORIAMEDIA* 3, n.º 5 (2018): 2.

que caracterizam a sua identidade e diversidade³³. O “Inventário Participativo do Património Cultural de Atouguia da Baleia” procurou refletir sobre as práticas e experiências das populações, incentivar as populações da freguesia a atuarem enquanto sujeitos na definição dos ativos patrimoniais das suas localidades, qualificando esses saberes, tradições e locais como património cultural e os indicadores de memória como referências patrimoniais musealizadas. Foram valorizados os locais e patrimónios identificados, promovendo a sua apropriação e capacitando a comunidade para o usufruto e a defesa desse mesmo património³⁴.

O resultado deste primeiro processo de coinventário esteve patente na exposição inaugural do CIAB, aberta ao público entre 17 de março de 2012 e 3 de setembro de 2022, que se designou “Centro Interpretativo de Atouguia da Baleia: um projeto museológico participativo”. Nesta, a par de referências à história e etnografia local ou à própria génese do CIAB, encontravam-se os mapeamentos realizados nas várias localidades bem como fotografias das atividades desenvolvidas e dos intervenientes, fotografias antigas recolhidas e outro espólio e informação resultante do processo. Tendo sido sempre pensado como um processo – como o nome da exposição indicava –, o projeto e a própria exposição estariam sujeitos a atualizações e a aprofundamentos constantes.

A nova exposição, “A Baleia em Atouguia”, bebeu da experiência acumulada ao longo destes dez anos e assentou no grande trabalho de proximidade e partilha com a população. Como foi referido anteriormente, a disponibilidade e a participação da comunidade foi crucial para o acesso aos objetos e às narrativas sobre a região. Os habitantes de Atouguia abriram as portas de suas casas, ressignificaram as suas heranças, trouxeram à luz ossos de baleias, percorreram as ruas com a equipa e partilharam as suas memórias. Estes vestígios estiveram na base deste processo de contribuição dos cidadãos, também para a investigação científica. Foram ainda promovidas tertúlias e conversas de sensibilização para a importância patrimonial e científica destes vestígios, sessões de divulgação e convite à participação

33 Janeirinho, “Património”, 114-115.

34 Janeirinho, “Estratégias museológicas”, 90.

no processo expositivo em curso, e foram recolhidos testemunhos e dados históricos sobre esta conexão entre Atouguia e a baleia.

Durante o ano de 2022, antecipando a exposição, foi pedido a visitantes do CIAB que respondessem à questão: Quando pensa em BALEIA qual é a primeira palavra que lhe vem à cabeça?. Daí resultou um painel inicial, junto à receção, com uma nuvem de 42 palavras onde são destacados os mais de cem contributos recolhidos. É de notar a expressão *Atouguia da Baleia* como aquela que foi mais vezes referida, seguida por *Mar, Peixe, Ossos e Grande*, e por *Animal, História, Cetáceo, Geiser e Igreja de São Leonardo*. Com imensa beleza poética, referidas uma vez encontramos palavras como *Liberdade, Grandeza, Grandiosa, Monumental, Beleza, Elegância, Lindo de se ver, Canto, Imortalidade, Coragem, Amor...* e, mesmo, referências mais pessoais como *Eu, Quintal do meu avô* ou, a que escolhemos para título do presente artigo, *Casa da minha avó*.

O conceito expositivo

Foi, portanto, nesse contexto que, a completar uma década de abertura ao público e resultado de um desejo de mudança, cofinanciado por uma candidatura a fundos europeus³⁵ e com o apoio do CHAM – Centro de Humanidades (unidade de investigação interuniversitária da Universidade NOVA de Lisboa e da Universidade dos Açores), no âmbito da Bolsa em Sinergia do Conselho Europeu de Investigação 4-OCEANS³⁶, a CMP avançou para a requalificação da exposição de longa duração do CIAB, agora focada de forma mais direta na presença da baleia em Atouguia³⁷.

35 A operação foi cofinanciada ao abrigo da candidatura “A Baleia em Atouguia: a pesca como base da identidade marítima concelhia”, submetida pelo Município ao programa GAL Pesca Oeste / MAR2020 (MAR-04.03.01-FEAMP-0576).

36 O projeto “4-OCEANS – Human History of Marine Life: Extraction, Knowledge, Drivers and Consumption of Marine Resources, c.100 BCE to c.1860 CE”, financiado pelo European Research Council (ERC) no âmbito do programa de investigação e inovação Horizonte 2020 da União Europeia (GA n. 951649), é a primeira bolsa em sinergia em Humanidades, desta tipologia, em Portugal.

37 A exposição inaugural “Centro Interpretativo de Atouguia da Baleia: um projeto museológico participativo”, em 2010, incluía um nicho dedicado à importância da baleia e da prática da baleação na Atouguia medieval, com a apresentação de dois exemplares de vértebras de cetáceos recolhidos na vila. Este não era, no entanto, o foco da exposição. Já antes, mas princi-

Com curadoria partilhada por técnicos e investigadores, a exposição centra a baleia como elemento integrante da identidade coletiva de Atouguia, perpetuada no seu topónimo e nos vestígios – tangíveis e intangíveis – que chegam até à atualidade e que formam um valioso património nacional, com significado para o estudo das baleias e da baleação a nível global. “A Baleia em Atouguia” é uma exposição que interliga história, memória, identidade, história natural, biologia e conservação, e que permite um mergulho na herança cultural do território, dentro e fora das portas do polo museológico. Nela se aborda a ligação da vila medieval com a caça da baleia e a sua importância na afirmação e no desenvolvimento económico territorial.

Pela lente das Humanidades Ambientais e das Humanidades Azuis (*Blue Humanities*), e muito concretamente da História Ambiental Marinha, o mar é um elemento pluridimensional com uma história, uma geografia e uma existência própria, no qual ecossistemas e animais marinhos são parte integrante e atuante das histórias, memórias e práticas. Neste enredamento multiespécies, entre humanos e não-humanos, as interações entre as pessoas e baleias foram, simultaneamente, mediadas pelos ambientes costeiros e moldaram os espaços litorais, enquanto construções culturais e sociais³⁸. É nesta interação entre os vários agentes – pessoas, animais e o próprio mar –, e de atividades do passado e do presente – pesca, baleação, recreação, navegação, construção e *storytelling* –, que se desenvolveram as zonas costeiras enquanto geografias de contacto e de interface. É aqui que acontecem processos dinâmicos de ocupação e modificação dos espaços naturais, com consequentes alterações nas populações naturais que sustentaram

palmente após a inauguração do CIAB foi desenvolvida investigação conjunta entre os técnicos municipais, biólogos marinhos e historiadores ambientais, com vista ao estudo desta relação entre o ser humano e a baleia neste território. Destaque para o artigo de António Teixeira, Rui Venâncio e Cristina Brito, publicado em 2014, e citado ao longo deste trabalho.

38 Ryan Tucker Jones, “Running into Whales: The History of the North Pacific from Below the Waves”, *American Historical Review* 118, n.º 2 (2013); Nina Vieira *et al.*, “The Whale in the Cape Verde Islands: Seascapes as a Cultural Construction from the Viewpoint of History, Literature, Local Art and Heritage”, *Humanities* 9, n.º 3 (2020); Cristina Brito e Nina Vieira, “Uma construção cultural de ser baleia: a história ambiental de dois arrojamentos na Lisboa ribeirinha e das pessoas que os observaram e descreveram”, *SCAENA. Revista do Teatro Romano – Museu de Lisboa*, 3 (2022).

comunidades humanas, e de criação dos espaços culturais que lhes estão associados³⁹.

Foi neste enquadramento que se desenhou o conceito expositivo, contando a história de uma vila, agora longe do mar, mas onde outrora se moviam baleias que transformaram o espaço material e promoveram a construção de narrativas sociais e culturais sobre os animais e os oceanos. Assim, a exposição foi organizada em diferentes módulos com recursos interpretativos físicos e digitais, focando aspetos sobre a cronologia, os ossos, a caça e os usos, a espécie e a ecologia de cetáceos, a baleia enquanto representação e inspiração cultural (Figura 3). O título e conteúdo dos módulos é aqui apresentado na sequência espacial em que surgem na dinâmica da exposição.



Figura 3 – Vista geral da sala principal da exposição “A Baleia em Atouguia”, com destaque para a cronologia, coleção de ossos e réplica de muro.
Crédito e autorização: 4-OCEANS, 2023.

39 Virginia Richter, “‘Where Things Meet in the World between Sea and Land’: Human-Whale Encounters in Littoral Space”, em *The Beach in Anglophone Literatures and Cultures*, ed. Ursula Kluwick e Virginia Richter (Farnham: Ashgate, 2015), 156; Cristina Brito, “The Voice of Skogula in ‘Beasts Royal’ and a Story of the Tagus Estuary (Lisbon, Portugal) as Seen through a Whale’s-Eye View”, *Humanities* 8, n.º 47 (2019); Cristina Brito *et al.*, “O oceano histórico e ecológico: narrativas e contextos da época moderna”, *Negócios Estrangeiros* 22 (julho de 2022).

Cronologia – ocupando uma grande extensão na principal parede do núcleo expositivo, esta é dedicada à história da caça à baleia a nível regional, de forma integrada com a história da baleação global. Destaca as principais fontes históricas, momentos e eventos relacionados com a prática baleeira e os arrojamentos de cetáceos na região, desde a fundação da vila de Atougua até à atualidade.

Ossos – exhibe várias peças da coleção osteológica da CMP, provenientes da escavação de 2001-2002 e de doações feitas pela população de Peniche e de Atougua. É dado destaque aos ossos de crânio de baleia-franca (occipitais), entre outros, que têm sido preservados por técnicos e estudados por investigadores, assumindo múltiplas vidas para além da sua função anatómica. Explora-se, aqui, a materialidade dos processos e das relações do passado e o seu significado na memória coletiva do presente.

Usos da baleia – explica os vários produtos derivados e os seus usos: carne para alimentação, gordura transformada em óleo para iluminação, barbas para confeção de peças de vestuário e outras, e ossos utilizados como objetos de uso quotidiano como tábuas de corte ou bancos. Também sobre esta temática, são apresentadas, em vitrines fechadas, barbas de baleia provenientes de uma baleia-anã que arrojou na década de 1990 e três peças de vestuário que remetem para a utilização das barbas para conferir a silhueta em V de corpetes e espartilhos.

Nestes dois últimos módulos é dado grande destaque à presença de ossos no preenchimento das paredes das casas da região, tendo sido feita a recriação de um muro em contexto expositivo (Figura 4), construído conforme as técnicas tradicionais, onde estão integrados dois ossos de baleia que foram identificados pela comunidade (neste caso, pelo presidente da Junta, António Salvador) numa antiga casa/taberna em ruínas próximo do CIAB. É feito um apelo à ação dos visitantes para que descubram #ondeestãoosossos no muro em exposição.



Figura 4 – Réplica de um muro com presença de ossos de baleia na exposição “A Baleia em Atouguia”. Créditos e autorização: Carlos Almeida, 2023.

Esta temática volta a ser referida no separador “Nos caminhos da baleia” no ecrã multimédia interativo concebido para a exposição, com a localização geográfica dos ossos e informações sobre o contexto de cada peça (Figura 5). Em quatro dos casos, são também disponibilizados modelos 3D de ossos ou de partes de ossos, efetuados por fotogrametria⁴⁰.

⁴⁰ O registo fotogramétrico consiste na sobreposição de várias fotografias tiradas de diferentes perspetivas. A fotogrametria e a modelação 3D permitem estudar os objetos sem necessidade de os manusear e digitalizando-os, sendo possível avaliar o estado de conservação e as várias características e pormenores da peça, objeto ou artefacto. Alguns exemplos em: https://www.youtube.com/watch?v=A_jfTB95hzk

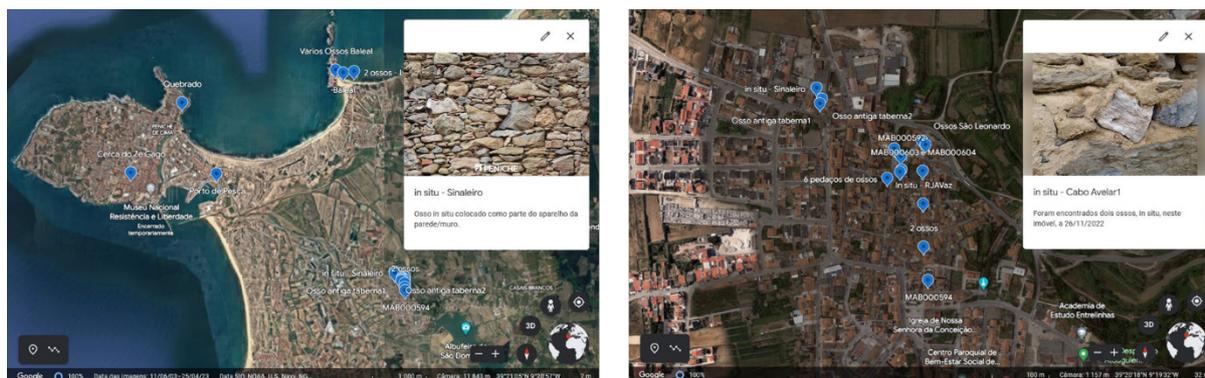


Figura 5 – Mapas da localização dos ossos encontrados em habitações e muros da vila de Atouguia da Baleia e de Peniche, com respetivas caixas de informação explicativa sobre cada localização e achado. Recursos introduzidos em ecrã interativo da exposição “A Baleia em Atouguia”.

Créditos e autorização: CMP, 2022.

Vídeo projetado – com a duração de dois minutos, áudio e animações 3D, o vídeo é projetado em L, em duas paredes centrais da exposição. Conta a história da região e da ligação deste território ao mar, com foco na ocorrência histórica da baleia-franca, principal alvo da baleação medieval ibérica, bem como nas alterações da geomorfologia da região que transformaram Atouguia de Baleia de porto marítimo, banhado pelo Atlântico, em vila interior e agrícola.

Herdade da Atouguia – complementar ao vídeo projetado, este painel conta a história da fundação da vila no século XII, a sua importância enquanto porto de navegação de cabotagem e entreposto comercial na face ocidental da Península Ibérica.

A caça da baleia – módulo tríptico sobre a prática da baleação, a evolução das técnicas e as diferentes espécies-alvo em Portugal continental (período medieval), arquipélagos dos Açores (século XIX) e Madeira (século XX). Incorpora um arpão original da baleação açoriana, parte da coleção da CMP.

A baleia representada – vitrine fechada com exibição de dois documentos originais do século XVIII; uma edição da *Gazeta de Lisboa*, de 1723, e um folheto com uma notícia sobre o arrojamento de um peixe monstruoso. Posicionada junto à cronologia, faz ligação à história natural e à construção do conhecimento sobre os cetáceos, em paralelo

com representações e descrições da baleia enquanto elemento de espanto e de espetáculo.

A baleia como inspiração – o conteúdo desta secção divide-se entre a biblioteca/espço de leitura que foi criado, convidando à fruição do espaço, e o ecrã interativo. Este permite a navegação por um conjunto de títulos onde a baleia é protagonista entre literatura, de Herman Melville a Luis Sepúlveda; artes plásticas e ativismo, de William Turner a Bordalo II; e música, de Bjork e Pearl Jam e de Fausto Bordalo Dias a Gaiteiros de Lisboa (*playlist* criada no YouTube com acesso direto através de código QR).

Baleia-franca-do-atlântico-norte – instalação interativa com painel retroiluminado (Figura 6). Tendo por base a figura de uma baleia-franca, este painel é um convite à descoberta da anatomia do animal, fazendo também ligação aos ossos expostos. Aos diferentes botões, que podem ser pressionados para iluminar diferentes pontos da anatomia, estão associados sons (por exemplo, ao espiráculo corresponde o som do sopro da baleia; à caudal um batimento da barbatana no mar), numa experiência visual, auditiva e tátil.



Figura 6 – Instalação interativa com painel retroiluminado sobre anatomia da baleia-franca-do-atlântico-norte. Créditos e autorização: CMP, 2023.

Ecologia e conservação – composto por dois *placards* informativos finais, este módulo apresenta aspetos da evolução, taxonomia, biologia e ecologia dos cetáceos, bem como curiosidades sobre golfinhos e baleias. Inclui um esquema sobre as ameaças atuais à fauna marinha, com destaque para a poluição por plásticos marinhos simbolizada pela peça artística concebida pela Marmeu, associação local de defesa do ambiente. É complementado pelo módulo “Descobrir a baleia”, no ecrã interativo, onde se apresentam as espécies de cetáceos que ocorrem na costa continental portuguesa.

O visitante da exposição “A Baleia em Atouguia” pode observar ossos de cetáceos com centenas (e mesmo milhões) de anos, entender os diferentes usos das baleias e a baleação medieval, explorar a anatomia da baleia e perceber o seu papel enquanto “engenheira” do ecossistema, refletir sobre os desafios da conservação destes seres marinhos, deixar-se inspirar, jogar, folhear livros sobre a temática e obter uma experiência mais imersiva por meio da comunicação das peças físicas com multimédia.

Contributos e impacto da exposição

“A Baleia em Atouguia” inaugurou a 31 de março de 2023 como exposição de longa duração do CIAB.

No primeiro ano de abertura ao público, recebeu um total de 5595 visitantes (5062 portugueses e 533 estrangeiros), dos quais 664 foram crianças e jovens organizados em grupos, que mergulharam nesta herança cultural, dentro e fora do polo museológico. Durante este período, e sempre em curso, foram realizadas atividades complementares, tais como visitas guiadas por técnicos e investigadores (incluindo equipas de investigação internacionais) (Figura 7), tertúlias em colaboração com um espaço sénior do município, concertos de música, um dos quais para crianças e dois incluídos em atividades de inauguração de exposição e tertúlia, quatro aulas de desenho à vista e uma missa. Algumas atividades de mediação cultural foram incluídas em dias temáticos, como o Dia Internacional dos Museus (18-20 de maio) ou as Jornadas Europeias do Património (22-24 de setembro).



Figura 7 – Visita guiada por investigadores e docentes do CHAM, NOVA FCSH.
Crédito e autorização: CMP, 2023.

Complementarmente, a Igreja de S. José serve de palco a um completo e contínuo programa de exposições temporárias, contando até à data com oito exposições e respetivos eventos de inauguração, sobre temas relacionados com a história e os costumes da região ou com a conservação da natureza e, muito em particular, dos ecossistemas marinhos. À data da inauguração recebeu a “Baleia Desminke” do artista local Sea Groove (Associação Mestres do Oceano, sediada no Baleal), feita a partir de covos e fios de nylon. Já perto da celebração do Dia de Todos os Santos (1 de novembro), o espaço foi invadido pela habitual mostra de “Sacos de Pão por Deus”, desta feita decorados com motivos relacionados com a baleia no nome e na história da vila (Figura 8).



Figuras 8 – Fotografia, à esquerda, mostrando uma vista da exposição “Sacos de Pão por Deus” e, à direita, um pormenor de um saco que ilustra a baleia no nome da vila.

Crédito e autorização: Raquel Janeirinho, 2023.

Em jeito de considerações finais, ao longo de 2022 e 2023, respetivamente, durante a preparação e nos primeiros meses posteriores à sua inauguração, a comunidade local esteve ativamente envolvida e respondeu ao desafio que lhe foi dirigido. Tal aconteceu principalmente através da partilha de testemunhos e memórias que ficaram registados em vídeo e na pesquisa e produção documental associada à exposição. Mais: esta partilha fica claramente patente no espaço do CIAB, com a exibição de uma nuvem de palavras na receção do CIAB, antecipando a exposição. A nuvem de palavras resulta de uma pergunta lançada, tal como foi anteriormente explicado, tendo feito emergir expressões que evidenciam e consolidam esta relação entre a comunidade e a baleia e a sua importância na memória coletiva da vila. Permitiu resgatar histórias de infância, de família e de vida comuns e partilhadas, também em torno de um animal com o qual, muito possivelmente, muitos dos habitantes e visitantes nunca contactaram ou observaram de perto (vivo, no seu *habitat* natural). Nesta lógica de abertura e de partilha, decorreu também a identificação de novos ossos de baleia pelos residentes de Atouguia da Baleia (os quais foram doados ou cedidos à CMP) e, nalguns casos, incorporados no acervo da Rede Museológica municipal e apresentados na exposição “A Baleia em Atouguia”. Aconteceu, sem dúvida, um resgatar

de uma memória coletiva e individual local que estava esquecida, ou era desconhecida, e a criação de uma ligação à baleia enquanto símbolo da terra e do mar da região, tanto no passado como no momento atual.

A nível científico, o trabalho de preparação e de pesquisa para esta exposição permitiu a análise e interpretação de documentação primária e secundária, incluindo fontes escritas, visuais e cartográficas. Facilitou o acesso a uma coleção de ossos de cetáceos única a nível nacional e com uma importância muito significativa no panorama científico internacional, que pôde ser cuidadosamente analisada e amostrada para análise laboratorial, prevendo-se resultados de alto impacto tanto para a história da região como para a avaliação do impacto das extrações humanas dos ecossistemas marinhos, muito concretamente no que à baleia-franca diz respeito. Esta é uma das espécies de grandes baleias mais ameaçadas do mundo, outrora presente nas águas do Atlântico Norte e que, atualmente, se distribui somente nas águas da costa leste dos EUA e do Canadá. Classificada como “Criticamente em perigo” pela IUCN⁴¹, estima-se que o tamanho da população ronde os 250 indivíduos. Esta foi a espécie-alvo preferencial durante séculos, se não milénios, influenciando o modo de vida de várias populações humanas costeiras, desde a Idade do Ferro, passando pelo período medieval até ao período moderno europeu, tendo sido a primeira baleia a ser caçada com fins comerciais e uma das primeiras espécies marinhas a ser empurrada para o limiar da extinção por ação humana⁴².

Esta exposição, bem como todo o trabalho desenvolvido junto da comunidade e o trabalho de investigação associado, responde a questões sociais e ambientais e contribui para a preservação do património cultural e natural. Tem evocado mudanças locais e regionais, abordando a questão fundamental de alteração geomorfológica do território que contribui para a compreensão da necessidade de resiliência atual e futura perante as alterações e os desafios ambientais da atualidade. Encarando-se o museu como uma instituição ao serviço da comunidade e do seu de-

41 IUCN – International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. Mais em <https://www.iucnredlist.org/species/41712/178589687>.

42 Laist, *North Atlantic Right Whales*, XIII-XIV.

envolvimento, o Inventário Participativo e as iniciativas posteriores elaboradas em conjunto com a comunidade local e científica, contribuíram para uma melhor e mais eficaz gestão do património local. Este projeto colaborativo tem promovido o resgate da memória coletiva sobre uma atividade (a baleação) e um animal (a baleia), através do estudo da história e dos vestígios materiais, e de um conjunto de recursos expositivos, físicos e digitais, que abarcam temas complementares como história, antropologia, história natural, biologia e conservação dos oceanos. Alinha-se, assim, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis e 14 – Proteger a Vida Marinha, e contribui para os debates em torno da Década das Nações Unidas das Ciências do Oceano para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030).

Pela sua narrativa cultural e ambiental, e pelo impacto social e científico, a exposição foi distinguida pela Universidade NOVA de Lisboa com uma menção honrosa no âmbito do Research Impact Narratives Challenge, em 2023, com publicação de uma notícia na revista *NOVA Science*⁴³. “A Baleia em Atouguia” reforçou laços antigos e criou um novo envolvimento entre os cidadãos e a sua ligação histórica ao mar. Resgatou a relação entre pessoas e baleias numa zona de fronteira, porosa, entre o passado e o presente, entre a terra e o mar ou, nas palavras de John Gillis e Franziska Torma, no verdadeiro ecótono – zona de transição onde duas comunidades se encontram⁴⁴. Atouguia da Baleia é aquilo que John Mack denomina “o mar na terra” e pode, por isso, ser um caso ímpar para a compreensão da interação entre o mundo marítimo e o mundo terrestre e a forma como as suas expressões, em termos culturais, se exprimem com recurso aos dois domínios⁴⁵. Utilizando a noção de um património e de uma cultura comuns tem sido possível estimular e alertar para a importância dos ecossistemas marinhos e do património cultural associado como forma de promover uma ligação emocional das pessoas ao resto do mundo (mais do que humano).

43 Disponível em https://www.unl.pt/sites/default/files/nova_science_2023.pdf.

44 John R. Gillis e Franziska Torma, “Introduction”, em *Fluid Frontiers: New Currents in Marine Environmental History* (Cambridge: The White Horse Press, 2015), 6.

45 John Mack, *O Mar: Uma História Cultural* (Silveira: Book Builders, 2018), 289-290.

Terminamos este artigo tal como iniciámos a exposição: chamando a atenção para o facto de que tudo na baleia urge preservar – as histórias do seu passado, os vestígios materiais para o futuro e as espécies que habitam o oceano no presente.

Agradecimentos

A todos os que gentilmente contribuíram para o desenvolvimento da exposição “A Baleia em Atouguia” e para o estudo e mapeamento da história da região, muito em particular aos membros da comunidade de Atouguia da Baleia. Agradecemos ainda aos vários colegas do CHAM que contribuíram para este estudo e para a exposição, nomeadamente Joana Baço, Carla Alferes Pinto, João Luís Lisboa e Youri van den Hurk. Este trabalho contou com o apoio do CHAM (NOVA FCSH / UAc), através do projeto estratégico financiado pela FCT (UIDB/04666/2020) — <https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>, e com o suporte financeiro da ERC Synergy Grant 4-OCEANS – Human History of Marine Life: Extraction, Knowledge, Drivers and Consumption of Marine Resources, c.100 BCE to c.1860 CE (European Union’s Horizon 2020 research and innovation programme under Grant Agreement n. 951649).

BIBLIOGRAFIA

- Brito, Cristina. “The Voice of Skogula in ‘Beasts Royal’ and a Story of the Tagus Estuary (Lisbon, Portugal) as Seen through a Whale’s-Eye View”. *Humanities* 8, n.º 47 (2019). <https://doi.org/10.3390/h8010047>.
- Brito, Cristina, Catarina Garcia, Nina Vieira, Tânia Ferreira, e Celso A. Pinto. “Coastal Geomorphological and Environmental Changes as Drivers of Historical Shifts in Marine Activities”. Em *Alterações Ambientais em Perspetiva Histórica*, editado por Ana Cristina Roque, Cristina Joanaz de Melo, Inês Amorim, Joana Gaspar Freitas e Maria Manuel Torrão, 209-225. Porto: CITCEM, 2019.
- Brito, Cristina, e Nina Vieira. “Uma construção cultural de ser baleia: a história ambiental de dois arrojamentos na Lisboa ribeirinha e das pessoas que os observaram e descreveram”. *SCAENA. Revista do Teatro Romano – Museu de Lisboa* III (2022): 140-155.
- Brito, Cristina, e Vera Jordão. “A baleación medieval e no início da era moderna em Portugal: que nos din as fontes históricas?”. *Eubalaena* 14 (agosto de 2014): 28-40.
- Brito, Cristina, Nina Vieira, Catarina Garcia, Patrícia Carvalho, Teresa Lacerda, e Joana Baço. “O oceano histórico e ecológico: narrativas e contextos da época moderna”. *Negócios Estrangeiros* 22 (julho de 2022): 21-40.
- Bruno, Cristina. “Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar”. *Cadernos de Sociomuseologia* 9 (1996): 9-38.
- Cabeça, Sónia Moreira. “Mapeamento cultural: uma metodologia sustentada para o património cultural imaterial”. *Revista Memóriamedia* 3, n.º 5 (2018): 1-10.
- Calado, Mariano. *Peniche na história e na lenda*. 4ª Edição. Peniche: Edição de autor, 1991.
- Calado, Mariano. *Da ilha de Peniche*. Peniche: Edição de autor, 1994.
- Calado, Mariano. *Visão cronológica da história de Peniche*. Peniche: Edição de autor, 1999.
- “Carta de privilégio de D. Afonso V a João Martins, carpinteiro, morador em Atouguia da Baleia, recebendo-o por besteiro do cavalo, em substituição de Martinho Esteves, que morrera”. Chancelaria de D. Afonso V, lv. 4, f. 12. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3815947>.
- “Carta de perdão de D. Afonso V, a justiça régia, a Fernando Afonso do Vale, escudeiro, morador em Atouguia da Baleia, pela fuga da prisão, contando que se livre de direito do que é acusado, tendo pago 100 reais brancos para a chancelaria”. Chancelaria de D. Afonso V, lv. 12, fl. 29. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3816489>.
- “Carta Real de 14 de Janeiro de 1445”. *Monumenta Henricina*, volume VIII. Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1967.
- Chambers, Robert. “Rural Appraisal: Rapid, Relaxed and Participatory”. *IDS Discussion Paper* 311 (1992): 1-68.
- “Costume e foros de Torres Novas”. Feitos da Coroa. Núcleo antigo 373, 1190. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4603065>.
- Dawson, Peter C., e Levy, Richard M. “Using 3D Computer Models of Inuit Architecture as Visualization Tools in Archaeological Interpretation: Two Case Studies from the Canadian Arctic”. *Field Archaeology* (2006): 185-195.
- Gillis, John R., e Torma, Franziska. “Introduction”. Em *Fluid Frontiers: New Currents in Marine Environmental History*. Cambridge: The White Horse Press, 2015.
- Janeirinho, Raquel. “Património, museologia e participação: estratégias museológicas participativas no concelho de Peniche”. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013.

Janeirinho, Raquel. “Estratégias museológicas participativas: refletindo e atuando em sociomuseologia”. *Cadernos de Sociomuseologia*. 46, n.º 2 (2014): 71-91.

Jones, Ryan Tucker. “Running into Whales: The History of the North Pacific from Below the Waves”. *American Historical Review* 118, n.º 2 (2013): 349-377. <https://doi.org/10.1093/ahr/118.2.349>.

Laist, David W. *North Atlantic Right Whales: From Hunted Leviathan to Conservation Icon*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

“Livro da Portagem de Lisboa”. Feitos da Coroa. Núcleo antigo 356, 1377-1489. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4499791>.

Mack, John. *O Mar: Uma História Cultural*. Silveira: Book Builders, 2018.

Patton, A. Katherine, e James M. Savelle. “The Symbolic Dimensions of Whale Bone Use in Thule Winter Dwellings”. *Études/Inuit/Studies* 30, n.º 2 (2006): 137-161.

Pereira, Esteves, e Guilherme Rodrigues. *Portugal: dicionário histórico, chorográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. Vol. I-A. Lisboa: João Romano Torres, 1904.

Pereira, Mário Baptista. *Atouguia da Baleia: seus forais, seus termos. Lembrando o passado*. Atouguia da Baleia: Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia, 2006.

Pinto, Américo Cortez. *Diónisos – Poeta e Rey*. Lisboa: Secretaria de Estado do Ensino Superior, Ministério da Educação, 1982.

Querol, Lorena Sancho. “El patrimonio cultural inmaterial y la sociomuseología: estudio sobre inventários”. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.

Redman, Nicholas. *Whales’ Bones of France, Southern Europe, the Middle East and North Africa*. Teddington: Redman Publishing, 2014.

Richter, Virginia. “‘Where Things Meet in the World between Sea and Land’: Human-Whale Encounters in Littoral Space”. Em *The Beach in Anglophone Literatures and Cultures*, editado por Ursula Kluwick e Virginia Richter, 155-173. Farnham: Ashgate, 2015.

Santos, Maria Célia. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

Silva, Manuel Santos. “Galegos e minhotos à conquista do litoral do centro de Portugal. Vestígios da sua presença na região medieval de Óbidos”. Em *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*. Vol. 2, 397-407. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

Soledade, Fernando. *Historia seráfica cronológica da ordem de S. Francisco da Província de Portugal*. Tomo 3. Lisboa: Na Officina de Manoel Joseph Lopes Ferreyra, 1705.

Teixeira, António, Rui Venâncio, e Cristina Brito. Archaeological Remains Accounting for the Presence and Exploitation of the North Atlantic Right Whale *Eubalaena glacialis* on the Portuguese Coast (Peniche, West Iberia), 16th to 17th Century. *PLoS ONE* 9, n.º 2 (fevereiro de 2014): 1-12. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0085971>.

Venâncio, Rui. “Intervenção arqueológica no porto de pesca de Peniche”. Em *1^{as} Jornadas de Arqueologia e Património da Região de Peniche*, 14-32. Peniche: Câmara Municipal de Peniche, 2006.

Ventura, Margarida Garcez, coord. *O foral da Ericeira no arquivo-museu*. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

Vieira, Nina. “The Whale in the Cape Verde Islands: Seascapes as a Cultural Construction from the Viewpoint of History, Literature, Local Art and Heritage”. *Humanities* 9, n.º 3 (2020). <https://doi.org/10.3390/h9030090>.

Referência para citação:

Vieira, Nina, Raquel Janeirinho, Rui Venâncio, e Cristina Brito. “‘A casa da minha avó’: uma exposição colaborativa sobre a história das baleias em Atouguia da Baleia”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 19 (2024): 185-216. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n19.36984>.